


## REVISITANDO A RELAÇÃO ENTRE TEXTO, CONTEXTO E GÊNERO: UMA ANÁLISE DO DOCUMENTO “ENTREVISTA DE PELÉ”

### REVISITING THE RELATIONSHIP BETWEEN TEXT, CONTEXT AND GENRE: AN ANALYSIS OF THE "PELÉ INTERVIEW" DOCUMENT

Florencia Miranda  <https://orcid.org/0000-0002-6907-1398>  
Universidad Nacional de Rosario  
florenciamiranda71@gmail.com

Diego Bussola  <https://orcid.org/0000-0001-7480-89911>  
Universidad Nacional de Rosario  
die.bussola@gmail.com

DOI: <https://doi.org/10.5281/zenodo.10302326>

Recebido em 19 de setembro de 2023

Aceito em 24 de novembro de 2023

**Resumo:** Este trabalho apresenta uma abordagem sociodiscursiva do documento que no âmbito do grupo HISTEL chamamos de “Entrevista de Pelé” e que constitui o objeto empírico de análise de todos os artigos desta publicação. Na nossa proposta, o documento é analisado considerando o texto enquanto objeto semiótico complexo, aberto e dinâmico (Bernárdez, 1995; Miranda, 2010) e adotando o percurso metodológico descendente assumido pelo Interacionismo Sociodiscursivo (Bronckart 1997, 2008), a partir da definição de Voloshinov ([1929] 2009). Este percurso implica iniciar a análise observando as práticas sociais e os contextos que dão origem aos textos, para depois analisar os elementos (semio)linguísticos que os conformam. Neste caso, partimos de um “texto” que está constituído por fragmentos de outros textos anteriores, através de um processo de edição e colagem, de maneira que foi preciso realizar um procedimento de reconstrução de um caminho de produção textual complexo, que pôs em relação diferentes fragmentos de textos, produzidos em momentos históricos diversos. A análise que propomos neste trabalho permite refletir, então, sobre o contexto situacional e o contexto socio-histórico de produção de textos editados; e, além disso, discutir problemas de identificação e caracterização do gênero textual implicados no processo de construção de textos editados.

**Palavras-chave:** Texto. Gênero textual. Contexto. Interacionismo Sociodiscursivo.

**Abstract:** This paper presents a socio-discursive approach to the document that within the HISTEL group we call the "Pelé Interview" and which is the empirical object of analysis of all the articles in this publication. In our proposal, the document is analysed considering the text as a complex, open and dynamic semiotic object (Bernárdez, 1995; Miranda, 2010) and adopting the descending methodological approach adopted by Sociodiscursive Interactionism (Bronckart 1997, 2008), based on Voloshinov's definition ([1929] 2009). This approach involves starting the analysis by looking at the social practices and contexts in which the texts are produced, and then analysing the (semio)linguistic elements that shape them. In this case, we started with a "text" that is made up of fragments of other previous texts, through a process of editing and collage. It was therefore necessary to carry out a procedure of reconstruction of a complex textual production process, which brought together different fragments of texts produced at different historical moments. The analysis proposed in this paper allows us to discuss the situational context and the socio-historical context of the production of edited texts, and also to debate problems of identification and characterisation of the textual genre involved in the process of constructing edited texts.

**Keywords:** Text. Text genre. Context. Sociodiscursive Interactionism.

## 1. Introdução

Este artigo é produto de um exercício de análise textual realizado no âmbito do grupo de pesquisa HISTEL (Historicidade dos textos e ensino de línguas), coordenado pelos professores Joaquim Dolz, Áurea Zavam e Valéria Gomes. Esse grupo reúne pesquisadores de diferentes países (Argentina, Brasil, Espanha, Suíça e Portugal), situados em perspectivas teóricas diferentes, mas que se podem considerar epistemologicamente compatíveis, por exemplo, o Interacionismo Sociodiscursivo e o estudo das Tradições Discursivas, entre outras.

A proposta que provocou a análise do texto que aqui chamamos de “Entrevista de Pelé (Edson Arantes do Nascimento)”<sup>1</sup> foi lançada em uma das reuniões do Grupo e nos desafiava a fazer uma análise do texto situada nas diversas perspectivas teóricas que se articulam no grupo. No nosso caso, para analisar o texto em questão, nos situamos na perspectiva do Interacionismo Sociodiscursivo (Bronckart 1997; 2008, entre outros) e levamos em consideração algumas contribuições da área da Metodologia da Pesquisa da Ciências Sociais e Humanas (por exemplo, Tosh, 2011 e Bell, 2002).

Na nossa proposta, o documento é analisado considerando o texto enquanto objeto semiótico complexo, aberto e dinâmico (Bernárdez, 1995; Miranda, 2010) e adotando o percurso metodológico descendente assumido pelo Interacionismo Sociodiscursivo (Bronckart, 1997 e 2008), a partir da definição de Voloshinov ([1929] 2009), como apresentaremos melhor no próximo item. Este percurso implica iniciar a análise observando as práticas sociais e os contextos que dão origem aos textos, para depois analisar os elementos (semio)linguísticos que os conformam. Como veremos, neste caso, partimos de um texto que está constituído por fragmentos de outros textos anteriores, através de um processo de edição e colagem. Dessa maneira, foi preciso realizar um procedimento de reconstrução de um caminho de produção textual complexo, que pôs em relação diferentes fragmentos de textos, produzidos em momentos históricos diversos. É a essa reconstrução da relação entre texto, contexto e gênero que dedicamos o nosso trabalho.

A análise que propomos no trabalho permite refletir, então, sobre o contexto situacional e o contexto socio-histórico de produção de textos editados; e, além disso, discutir problemas de identificação e caracterização do gênero textual implicados no processo de construção de textos editados. Para aprofundar a discussão em torno desse texto como exemplar de um gênero textual – o que implica, aliás, refletir sobre a própria noção de gênero, recorreremos também a contribuições do campo da Metodologia da Pesquisa em Ciências Sociais e Humanas, que aportam caracterizações sobre os documentos na área.

## 2. A perspectiva teórico-epistemológica: textos e gêneros textuais como objetos complexos

Para iniciar a análise de um texto, precisamos delimitar claramente a perspectiva teórica e epistemológica em que nos situamos, já que essa perspectiva também define uma metodologia de abordagem do objeto.

A Teoria do Texto que assumimos se inscreve em uma concepção Interacionista Sociodiscursiva de base, que não dispensa a incorporação de instrumentos de análise fornecidos por outras teorias epistemologicamente compatíveis. Nesta

---

<sup>1</sup> Utilizamos essa designação para o texto porque é o título que se dá a esse documento no Museu de Imagem e Som de São Paulo (MIS-SP), que é a fonte de onde foi retirado.

perspectiva, compreendemos os textos como objetos semióticos complexos, que se produzem em situações concretas de comunicação, a partir de (pelo menos) um modelo de gênero textual disponível no repertório de gêneros elaborados socio-historicamente pelas gerações passadas e pelas pessoas contemporâneas.

As noções de texto e de gênero textual são definidas e discutidas por diversas correntes das Ciências da Linguagem. Dentro desse panorama diverso, adotamos uma perspectiva que assume o texto e o gênero textual como objetos complexos, em particular, a corrente do Interacionismo Sociodiscursivo (Bronckart, 1997, 2004, 2008; Machado, 2005; Miranda, 2012, entre outros) e certa linha da teoria do texto que se situa no paradigma da complexidade (Bernárdez, 1995; Miranda, 2010, entre outros).

Utilizamos o termo *complexo* no sentido do paradigma epistemológico da complexidade (Morin, 2002) e assumimos, então, que o texto e o gênero textual constituem objetos ou “sistemas” complexos (Bernárdez, 1995; Miranda, 2010). Como já sublinhou Bernárdez (1995, p. 65-71), os objetos complexos entendidos desse ponto de vista são naturais (isto é, não se trata de objetos criados de forma artificial), apresentam interações complexas entre seus elementos constitutivos, são instáveis, mostram sensibilidade ou dependência às condições iniciais de produção (isto é, ao contexto) e devem ser estudados de forma empírica. A nosso ver, textos e gêneros textuais reúnem essas cinco características.

Por outro lado, para o autor, o texto é um sistema em interação com o meio (Bernárdez, 1995, p. 69) e, por isso, constitui um sistema *aberto*. Isso explica que não existam dois textos iguais, já que não existem dois contextos idênticos (Bernárdez, 1995, p.134). Além disso, o texto é um sistema *dinâmico*, ou seja, varia com o tempo. Assim, tal como se define em Miranda (2010, p. 68), um texto é um objeto psico-socio-semiótico complexo, aberto e dinâmico, que constitui uma unidade da comunicação linguística situada, podendo ser produzido por um (ou mais de um) sujeito(s) empírico(s), em qualquer modalidade (oral, escrita ou multimodal) e circulando em qualquer suporte. Para nós, a produção de um texto implica, tal como observa Bronckart (2004), um processo de adoção e adaptação de um modelo de gênero disponível no “arquitrato” (noção que Bronckart propõe inspirado em Genette, 1982, e que podemos entender como um repositório psico-socio-histórico que cada pessoa constrói ao longo da vida, a partir de suas experiências textuais).

Já em relação ao conceito de gênero textual, podemos identificar, na sequência de Miranda (2012), três dimensões ou planos que interagem na sua configuração, a saber: 1) uma dimensão psico-cognitiva, entendendo os gêneros como instrumentos (no sentido vygotskiano dado por Schneuwly, 1998), necessários para a organização do uso da linguagem em unidades de comunicação, isto é, em textos; 2) uma dimensão socio-histórica e cultural, dado que são o resultado das práticas de linguagem das gerações passadas e contemporâneas e 3) uma dimensão semiótica, já que os gêneros são configurações de opções semiolinguísticas relativamente estabilizadas e conformam “formatos textuais”.

Assim, como se explicita em Miranda (2010), assumimos que:

[...] textos e gêneros são dispositivos de comunicação complexos que funcionam na inter-relação de três dimensões: uma dimensão social, que abrange factores de ordem sociológica, cultural e histórica; uma dimensão psico-cognitiva, que contempla aspectos relacionados com as representações, os conhecimentos, as estratégias, as intenções e as emoções; e uma dimensão semiolinguística, que torna possível a semiotização (Miranda, 2010, p.106).

Dadas as especificidades que mencionamos, o estudo de um texto implica, como já referimos, observar em primeiro lugar o contexto de produção/circulação do objeto, bem como identificar o gênero textual em que se inscreve, para depois abordar o estudo aprofundado da organização semiolinguística do texto. Assim, na perspectiva interacionista, adotamos uma abordagem dita “descendente” (Bronckart 1997, 2008, a partir da definição de Voloshinov, [1929] 2009), que vai da compreensão e caracterização do contexto socio-histórico e situacional da interação discursiva para a descrição das características semióticas da organização textual e as unidades de linguagem. Vejamos as palavras de Voloshinov que dão origem a esta concepção:

(...) un orden metodológicamente fundado del estudio del lenguaje debe ser el siguiente: 1) formas y tipos de interacción discursiva en relación con sus condiciones concretas; 2) formas de enunciados concretos, de algunas actuaciones discursivas en estrecha relación con la interacción cuyos elementos son estos enunciados, esto es, los géneros de las actuaciones discursivas, determinados por la interacción discursiva, en la vida y en la creación ideológica; 3) a partir de ahí, una revisión de las formas del lenguaje tomadas en su versión lingüística habitual. (Voloshinov [1929] 2009, p.163)

### 3. Uma análise do texto

#### 3.1. Breve nota metodológica

Neste trabalho reconstruímos um percurso de análise do texto que partiu de uma primeira versão que nos foi entregue (a transcrição de uma “entrevista com Pelé”). A partir daí, nós fomos à procura do texto oral “original” ou do texto “completo”, porque entendíamos que essa entrevista devia fazer parte de um texto maior e, além disso, precisávamos conhecer aspectos da situação em que o texto tinha sido produzido, isto é, tentamos desde o início compreender o processo de elaboração do texto que iríamos analisar.

A primeira descoberta na procura do texto “completo” e “original” foi que a gravação disponível no Museu de Imagem e Som de São Paulo, Brasil (MIS-SP) (<https://www.mis-sp.org.br/>), de onde a entrevista provinha, era maior do que o segmento de “entrevista” transcrita que nós tínhamos. Uma imagem da ficha que apresenta o documento no MIS-SP pode ser vista na Fig. 1.

Figura 1 - Ficha do documento no MIS-SP

<b>Título:</b>	[Entrevista de Pelé (Edson Arantes do Nascimento) parte 1/2] at.
<b>Tipo:</b>	História oral
<b>Número do Item:</b>	<b>Número de Registro:</b>
00060MEF00083AD	47.1; A.035647.1; A.0356
<b>Uso e acesso:</b>	Consulta local sem agendamento; Divulgação virtual
<b>Coleção:</b>	00060MEF - Memória do Futebol
<b>Autoridades:</b>	<b>Classificação:</b>
Pelé	Entrevistado(a)
<b>Local de Produção:</b>	Rio de Janeiro - Rio de Janeiro - Brasil
<b>Data de Produção:</b>	30/11/1969
<b>Local de gravação:</b>	Museu da Imagem e do Som de São Paulo - São Paulo - Brasil
<b>Suporte/Formato:</b>	CD
<b>Duração:</b>	- h 31min 52s
<b>Idioma:</b>	Português
<b>Descrição:</b>	Pelé (Edson Arantes do Nascimento), foi jogador do Santos Futebol Clube, considerado o maior ídolo do futebol brasileiro e por muitos do futebol mundial. Comenta sobre sua vida pessoal e profissional. Darcy Reis e Edson Leite narram alguns dos seus memoráveis gols. Continua.
<b>Gênero:</b>	Entrevista de História Oral
<b>Descritores:</b>	biografia; jogador de futebol; futebol; narração

Fonte: <https://acervo.mis-sp.org.br/audio/entrevista-de-pele-edson-arantes-do-nascimento-parte-12-1>

Fizemos uma primeira análise desse texto oral completo, mas depois, continuando e aprofundando a pesquisa, descobrimos que esse texto completo publicado no site do MIS-SP tinha uma versão publicada em disco LP, publicada pelo MIS do Rio de Janeiro (MIS-RJ), do ano 1969, com o nome de “O mundo de Pelé” (ver Fig. 2).



Figura 2 - Capa do disco “O mundo de Pelé”



Fonte: [https://www.casadovelho.com.br/209ca8/lp-o-mundo-de-pele-1967-depoimento-para-o-museu-da-  
imagem-e-som](https://www.casadovelho.com.br/209ca8/lp-o-mundo-de-pele-1967-depoimento-para-o-museu-da-imagem-e-som). Acessado em 22 de agosto de 2023.

Assim, alguns dados que na nossa primeira versão da análise colocávamos como hipotéticos (por exemplo, que inferíamos que a “entrevista” não podia ser de 1969) foram confirmados a partir da leitura das informações da contracapa do disco.

Neste sentido, a análise que apresentamos a seguir toma em consideração informações que fomos reunindo e (re)organizando em diferentes momentos da pesquisa documental e bibliográfica.

### 3.2. O texto em análise

O texto que tomamos como objeto de análise precisa ser observado na sua conformação complexa. Com efeito, o texto que inclui o fragmento que podemos chamar de “Entrevista de Pelé” é uma unidade textual (um documento) que inclui duas partes de material sonoro disponível no site do MIS-SP. A primeira parte<sup>2</sup> tem uma duração de 31’52”. A segunda parte<sup>3</sup> tem uma duração de 5’9”. De acordo com a

<sup>2</sup> Primeira parte consultada em 27/09/2020 em <https://acervo.mis-sp.org.br/audio/entrevista-de-pele-edson-arantes-do-nascimento-parte-12-1>

<sup>3</sup> Segunda parte consultada em 27/09/2020 em <https://acervo.mis-sp.org.br/audio/depoimento-de-pele-edson-arantes-do-nascimento-1>

informação disponível no fichamento do arquivo (Fig. 1), ambas as partes do texto teriam sido produzidas em 30 de novembro de 1969, na cidade do Rio de Janeiro (Brasil).

Uma observação importante que devemos fazer é que o texto global ou completo, que está constituído pelas duas pistas sonoras, é produto de um trabalho de edição e colagem textual, que reúne diferentes segmentos: uma primeira seção de “entrevista” (que vai do começo até o minuto 22:07); uma segunda seção que inclui relatos de Darci Reis e Edson Leite, com segmentos anexados com posterioridade (produzidos *ad hoc*) e recortes de relatos de jogos de futebol (especificamente, gols do Pelé) de diferentes períodos (de 1956 até o gol número 1000 de 1969); esta segunda seção abrange os últimos 10 minutos da primeira pista e os quase 6 minutos da segunda pista.

Em concreto, a estrutura global ou o plano de texto (Adam, 2004) se organiza em duas partes com segmentos diferenciados, tal como se pode observar na Tab. 1.

**Tabela 1** – Plano de texto da “Entrevista de Pelé”

Partes da gravação no MIS	Tempo	Segmento	Momento de produção original do segmento
<b>PARTE 1</b> 0' 00" – 31' 52"	0'00" – 0'14"	Apresentação do locutor	Entre os dias 20 e 30 de novembro 1969
	0'14" – 22'07"	Entrevista/conversa com músicas e perguntas adicionadas a posteriori	26/09/1967
	22'09" – 22'57"	Mensagem do MIS-RJ	Entre os dias 20 e 30 de novembro 1969
	22'58" – 31'52"	Relatos dos gols com apresentações intercaladas	Entre 1956 e 1969
<b>PARTE 2</b> 0'00" – 5'09"	0'00" – 0'46"	Apresentação do gol 1000	Entre os dias 20 e 30 de novembro 1969
	0'47" – 3'32"	Relato do gol 1000	19/11/1969
	3'33" – 3'55"	Apresentação do “apelo às crianças pobres, os velhos e os desamparados”	Entre os dias 20 e 30 de novembro 1969
	3'56" – 4'29"	Declaração (apelo) de Pelé	19/11/1969
	4'30" – 5'09"	Fechamento do texto / síntese pelo locutor	Entre os dias 20 e 30 de novembro 1969

Fonte: Elaboração própria

Cabe notar que a distribuição das duas partes do documento não coincide com os dois lados (1 e 2) do LP que reproduz o “mesmo” documento, como se pode ver na Fig. 3.

Figura 3 – Contracapa do disco LP “O mundo de Pelé”



Fonte: <https://www.casadovelho.com.br/209ca8/lp-o-mundo-de-pele-1967-depoimento-para-o-museu-da-imagem-e-som>. Acessado em 22 de agosto de 2023.

O fragmento de “entrevista” que tinha sido transcrito por pesquisadores do grupo HISTEL e tinha sido indicado para o exercício de análise faz parte de uma seção de 10min e 2seg da primeira parte do texto. Contudo, para poder iniciar uma análise desse fragmento, foi preciso ouvir e analisar o texto completo.

### 3.3. Primeiras observações sobre o contexto situacional e o contexto socio-histórico de produção do texto

Neste item, apresentaremos o caminho percorrido para a reconstrução do plano do texto sintetizado na Tab. 1.

O primeiro aspecto que nos chamou a atenção na leitura do fragmento transcrito e na audição do texto completo foi a discrepância nas informações relativas à localização temporal da produção desse texto. Segundo a ficha do Museu, o texto tinha sido produzido em 30 de novembro de 1969. Mas segundo o relato com que Pelé inicia a “entrevista” (gênero sobre o qual discutiremos melhor mais à frente), ele, no momento



da fala, está com 26 anos. Considerando que ele nasceu em 23 de outubro de 1940, nossa interpretação no primeiro contato com o segmento em análise foi que teria sido produzido entre 23 de outubro de 1966 e 22 de outubro de 1967. Além disso, observando ainda o segmento transcrito, notamos a referência à Copa de 1966 com uma fórmula que marca uma distância temporal em relação à data, o que parecia indicar que o momento da enunciação não coincidia com o momento do enunciado. Vejamos esse segmento<sup>4</sup>:

**ENTREVISTADOR:** Você podia dizer em sua opinião porque o Brasil perdeu o campeonato do mundo em sessenta e seis?

**PELÉ:** para os jogadores...eu acho que faltou um pouco de confiança...porque os jogadores foram inco:rtos...os jogadores não tinham certeza... se ia jogar...a equipe não Tinha uma seleção formada...não Tinha e não TEm ainda...

se for...se perguntar qual foi a seleção de sessenta e seis... nã:: ...você não pode dizer... por falta de uma organização...

O fragmento em análise contém várias expressões dêiticas com valor temporal em que resulta difícil identificar o referente. Por exemplo, no momento que se fala sobre a quantidade de gols do Pelé:

**ENTREVISTADOR:** Pelé você sabe quantos gols já fez até hoje... mais ou menos?

**PELÉ:** te:m um senhor aí em Santos...Mário Lamas...não sei se vocês conhecem de nome...até o ano passado...oficialmente eu tinha feito oitocentos e setenta e cinco parece gols...

De fato, “hoje” e “o ano passado” são expressões que não encontram um referente óbvio na primeira escuta (ou na leitura da transcrição).

Ora bem, na continuação da escuta do texto, encontramos dados relevantes para a contextualização. A conversa/entrevista foi produzida em 1967 (como se menciona na pergunta do entrevistador no minuto 19:05) e o Presidente da época era Artur da Costa e Silva (minuto 19:50), que, aliás, ainda não tinha recebido Pelé (como quase todos os presidentes anteriores) e estava “apertando muito nos impostos”. Portanto, com esses dados já podíamos afirmar que essa conversa/entrevista teria sido produzida entre 15 de março de 1967 (quando assumiu o presidente referido) e 22 de outubro do mesmo ano.

Na nossa primeira análise do texto, consideramos que a entrevista em análise poderia ter sido produzida originalmente no quadro do projeto “Depoimentos para Posteridade” (<http://www.mis.rj.gov.br/depoimentos/>), que se iniciou no ano 1966 no Museu de Imagem e Som do Rio de Janeiro (inaugurado em 1965<sup>5</sup> por Carlos Lacerda, primeiro governador do antigo estado da Guanabara, “como parte de sua estratégia política” no contexto da mudança da capital do país<sup>6</sup>).

Isso ficou confirmado com o aprofundamento da nossa pesquisa documental. Assim, na contracapa do disco reproduzida na Fig. 3, se explicita claramente que a entrevista – chamada de “Depoimento de Pelé” no disco – foi realizada no dia 26 de setembro de 1967. Além disso, na mesma contracapa, o texto assinado por Ricardo Cravo Albin explica de que se trata o projeto dos “depoimentos” (como veremos

---

<sup>4</sup> Nos segmentos da entrevista transcritos mantemos o código de transcrição proposto por colegas do Grupo HISTEL. Os sublinhados são nossos e destacam elementos relevantes para a análise.

<sup>5</sup> Vale notar que o Museu de Imagem e Som de São Paulo (MIS-SP), de onde retiramos essa gravação, só foi inaugurado em 1970.

<sup>6</sup> Comentário retirado da apresentação do MIS-RJ em <http://www.mis.rj.gov.br/apresentacao/>

abaixo) e conta que Pelé chegou ao Museu naquele dia de setembro de 1967 às 9:30 h e participou da entrevista – com um formato de conversa descontraída com vários jornalistas e amigos – com uma duração de quase cinco horas.

Na perspectiva interacionista em que nos situamos, entendemos que, para desenvolver uma análise mais consistente deste texto, seria preciso, então, observar mais concretamente o contexto social, político, cultural, esportivo, etc. dos anos 1967 (ano de produção do depoimento original) e 1969 (ano em que o depoimento é editado e incluído no acervo do Museu). Apesar da distância de apenas dois anos, existem diferenças importantes em termos esportivos (1967, depois de perder a copa; 1969, em período prévio à copa de 1970) e sociopolíticos (como, por exemplo, o início da luta armada em 1968 e o fato de que em novembro de 1969 o presidente era Médici) (Fausto, 1998, p. 479).

### 3.4. O texto em contexto

No começo de 1964, um golpe militar destituiu o presidente Goulart e posteriormente o general Humberto de Alencar Castelo Branco foi empossado como presidente. Este fato inicia um processo de governos militares que só chegaria ao fim em meados da década de 1980.

Carlos Lacerda, governador do Estado de Guanabara desde 1960, inicialmente apoiou o golpe, mas depois começou a criticá-lo no que foi denominada a “linha dura”. Em 3 de setembro de 1965, como parte das celebrações do IV centenário da cidade do Rio de Janeiro, foi inaugurado o Museu da Imagem e do Som do Rio de Janeiro (MIS-RJ). Idealizado por Carlos Lacerda, contou com os esforços de Maurício Quadrio e Ricardo Cravo Albin para sua execução. Em 27 de setembro do mesmo ano, o governo militar endureceu sua postura com o Ato Institucional 2 (AI2), determinando a extinção dos partidos políticos e a suspensão das eleições diretas, tornando-as indiretas. Carlos Lacerda, que era o candidato da União Democrática Nacional (UDN) para a presidência, vendo suas pretensões presidenciais eliminadas, no dia 4 de novembro afastou-se do governo de Guanabara. Contudo, sua obra de criação de um acervo cultural de imagem e som já estava encaminhada<sup>7</sup>.

No ano seguinte, Ricardo Cravo Albin criou a série “Depoimentos para a Posteridade”, que começou a funcionar no MIS-RJ em agosto de 1966. Este projeto (ainda hoje em funcionamento) é constituído por gravações de depoimentos prestados por personalidades de vários setores da cultura (literatura, teatro, esportes, música, artes plásticas, entre outros) e se realizam mediante conversas com representantes dos respectivos Conselhos do Museu<sup>8</sup>.

Em 26 de setembro de 1967, Pelé foi entrevistado pelos membros do Conselho dos Esportes do Museu, constituído por: Oldemário Touquinhó, Achilles Chirol, Nilton Ribeiro, Carlos Felipe, Armando Nogueira, Braz Pellozi, Geraldo Pedrosa e Luiz Mendonça. Também participou da entrevista o jornalista Álvaro Paes Leme. Assim, a entrevista, que originalmente como já mencionamos durou quase cinco horas, faz parte dos “Depoimentos para a posteridade” e pode ser consultada de forma presencial no MIS-RJ<sup>9</sup>.

---

<sup>7</sup> Ver <https://www18.fgv.br/CPDOC/acervo/dicionarios/verbete-biografico/carlos-frederico-nerneck-de-lacerda>

<sup>8</sup> <http://www.mis.rj.gov.br/depoimentos/>

<sup>9</sup> O texto está disponível para consulta no Museu e pode ser procurada a cota (BR MIS RJ DP sf 280.1/2) online: [https://bd.mis.rj.gov.br/APPPUBL/menu\\_pub/](https://bd.mis.rj.gov.br/APPPUBL/menu_pub/).

É importante lembrar que na Copa do mundo de 1966, a seleção brasileira não ultrapassou a fase de grupos, sendo nessa altura a seleção defensora do título. Portanto, no momento da entrevista (em 1967), uma das questões comentadas foi o fracasso da seleção na Copa do Mundo.

Já 1968 seria um ano de fortes questionamentos ao regime com a ocorrência de greves e o começo da luta armada, em um contexto mundial de questionamentos ao *status quo*<sup>10</sup>. Em 13 de dezembro, o governo promulgou o AI5<sup>11</sup> que dava ao Presidente da República poderes excepcionais que permitiriam ao núcleo militar no poder intensificar a censura aos meios de comunicação e aplicar a tortura como parte dos métodos do governo.

Devido à impossibilidade de Costa e Silva continuar no governo por questões de saúde, no fim de outubro de 1969 o Alto Comando das Forças Armadas escolheu Emílio Garrastazu Médici como presidente. Este governo não se limitou apenas à repressão, mas se distinguiu pela propaganda em seu favor a partir do uso da televisão (Fausto, 1999, p. 475-485). Neste contexto, em 19 de novembro de 1969, Pelé marcou o gol 1000. Dias depois, o Jornal dos Sports noticiava o uso da façanha de Pelé por parte do governo com o título “Presidente condecora Rei Pelé”:

Pelé foi promovido ontem a Comendador da Ordem de Rio Branco, em decreto assinado pelo Presidente Emílio Garrastazu Médici. Na solenidade, à qual compareceram Ministros de Estado e autoridades, o Presidente homenageou o Rei pela conquista do seu milésimo gol, e ouviu de Pelé a sua certeza de que os brasileiros trarão de vez a Copa do Mundo (Jornal dos Sports, 26-11-1969, p.1)

Nesse sentido, o governo de Médici iria utilizar qualquer sucesso esportivo para gerar identidade nacional. A figura de Pelé será fundamental no reforço do laço nacionalista. O MIS-RJ, nos dias que se seguiram à façanha do Rei, decidiu lançar o LP “O mundo de Pelé” contendo parte dos depoimentos de 1967 e o relato dos 10 melhores gols e do gol número 1000. Ainda contava com um depoimento novo, do dia em que ele marcou o gol 1000, a favor das crianças e dos necessitados.

Em relação ao período posterior a esse acontecimento, interessa observar duas questões: por um lado, o Brasil ganhou a copa do mundo no México em 1970 e, por outro lado, a economia teve um extraordinário crescimento, acompanhado por baixas taxas de inflação, ficando o período de 1969-1973 conhecido como o “Milagre Brasileiro”. Portanto, como afirma Boris Fausto, “Foi a época do ‘Ninguém segura este país’, da marchinha *Prá Frente Brasil*, que embalou a grande vitória brasileira na Copa do Mundo de 1970” (Fausto, 1999, p. 484)

Foi, então, no começo desse período que foi produzido o texto em análise.

---

<sup>10</sup> Houve nos EUA manifestações contra a guerra de Vietname e na França uma luta pela transformação do sistema educativo. (Fausto, 1999, p. 477-480).

<sup>11</sup> Entre outras coisas, o AI5 permitiu o encarceramento de Carlos Lacerda, posteriormente libertado. Contudo, os seus direitos políticos foram suspensos por 10 anos. Afastou-se da vida política e dedicou-se ao trabalho nas empresas da sua propriedade. Ainda colaborou em “O Estado de São Paulo” e no “Jornal do Brasil” sob o pseudônimo de Júlio Tavares. (<https://www18.fgv.br/CPDOC/acervo/dicionarios/verbete-biografico/carlos-frederico-werneck-de-lacerda>).

#### 4. A identificação e a caracterização do gênero textual como problema

Como vimos, a “entrevista” constitui só uma parte de um texto maior que inclui, também, intervenções de outros enunciadores e relatos de gols. Aliás, uma das questões que desde o início nos chamou a atenção foi o fato de o texto oral apresentar diferentes qualidades de som, demonstrando que se tratava efetivamente de uma colagem (*collage*) de textos anteriores.

Esse texto completo (que, como se vê na Tab. 1, se distribui em duas pistas de gravação) é um documento elaborado “para a posteridade” e, nesse sentido, é para fazer parte de um acervo documental de um Museu. Esse documento editado, fragmentário, que reúne segmentos com diferente qualidade de som e com partes de textos anteriores (a “entrevista”, os relatos dos jogos...), vai sendo “tecido” através de uma voz que une esses fragmentos, fazendo menção à intencionalidade do texto e ao âmbito do Museu, como podemos ouvir no início e no segmento que está entre os minutos 22:09 e 22:57, aqui transcrito:

Nesta oportunidade, o Museu da Imagem e do Som do Rio de Janeiro, para homenagear o Rei Pelé, o maior jogador de futebol de todos os tempos, focaliza a seguir alguns dos memoráveis gols por ele assinalados em sua extraordinária carreira, destacando o seu milésimo tento na palavra de duas testemunhas, que, ao lado do povo que sempre o aplaudiu, lá estavam reportando essas emoções: Darci Reis e Edson Leite, narradores sobejamente conhecidos do público esportivo.

Dadas as características desse texto, é difícil identificar o gênero mediante uma etiqueta suficientemente instalada e socialmente em uso. O texto tem características próprias dos documentos visando à posteridade, como as crônicas e as memórias, que são fontes escritas com essa função<sup>12</sup>; no entanto, como designar o gênero desse texto que contém a colagem de segmentos editados? “Documento para a posteridade”? “Documento de história oral” (como se classifica na ficha que reproduzimos na Fig. 1)? Aliás, o texto é intitulado “Entrevista de Pelé”, mas já vimos que contém segmentos que não correspondem a uma entrevista.

Por outro lado, o segmento que compreende o período que vai de 0’14” ao minuto 22:07 pode ser chamado de “Entrevista de [ou com] Pelé”, mas constitui uma classe de entrevista elaborada para ficar para a posteridade. É uma entrevista, sim, mas essa finalidade particular imprime algumas especificidades no texto, por exemplo, há alguns traços (ou marcadores) que se podem vincular mais aos gêneros “memória” ou “depoimento”: a enumeração detalhada da conformação familiar, o relato pormenorizado de momentos da infância e da juventude, o relato de eventos significativos na vida do enunciador-entrevistado, etc. Todavia, cabe notar que no segmento final dessa “entrevista” (entre o minuto 19:05 e o minuto 22:07) os temas estão mais diretamente vinculados ao momento específico da enunciação: como vimos, se menciona a data e quem era o presidente, mas também se fala sobre qual era na época

---

<sup>12</sup> Como indica Tosh, “Elas [as memórias e as crônicas] tendem a ser mais acessíveis porque a sua sobrevivência raramente é deixada ao gosto da sorte. Elas oferecem uma cronologia pronta, uma seleção coerente dos eventos, e um forte sentido da atmosfera do período. Sua desvantagem é que eles recontam somente o que as pessoas consideram valioso de assinalar em seu próprio tempo...” (TOSH, 2011. p. 102). Também se pode observar esse texto na linha de Bell, que divide as fontes em deliberadas e involuntárias. As primeiras são produzidas atendendo aos possíveis leitores no futuro: autobiografias, memórias, etc. (BELL, 2002, p.126).

o salário do Pelé, que outros negócios ele tinha, quantos e quais carros ele tinha, etc. Nesse sentido, em reuniões de trabalho do Grupo HISTEL, foi proposta a designação de “entrevista memorialística” para denominar esse gênero. Contudo, essa etiqueta genérica permite denominar o segmento de texto que foi produzido em 1967, mas não dá conta do texto produzido em 1969 – que reúne a entrevista, os relatos dos gols e os segmentos adicionados na gravação final.

Durante toda a entrevista é possível notar, como já mencionamos, mudanças na qualidade do som (o que permite identificar os cortes, as eliminações e/ou as adições). Em certas passagens, é muito evidente a inclusão de uma voz de “entrevistador” que não parece estar na situação original. De fato, nessa situação original de fala não estão apenas Pelé e um entrevistador, já que se podem ouvir outras vozes (por exemplos, nos risos em certos momentos) e, também, se observa que Pelé oscila entre o emprego de “você” (quando responde uma pergunta a alguém) e “vocês” quando envolve os interlocutores no relato. Vale notar, nesse sentido, que o próprio Ricardo Cravo Albin conta na contracapa do disco (Fig. 3) que devido a problemas técnicos não tinham ficado gravadas as perguntas dos interlocutores de Pelé e, por isso, ele tomou a liberdade de regravar essas perguntas com a sua própria voz. Ora bem, ele deve ter feito essa “regravação” dois anos após a conversa entre Pelé e o grupo de jornalistas/amigos, de modo que essas perguntas seriam uma reconstrução que o locutor propõe a partir do que Pelé vai dizendo nas suas intervenções.

Por outra parte, e ainda para refletir sobre a identificação do gênero, um outro aspecto que interessa observar é organização discursiva do texto. Vejamos que o segmento da “entrevista” apresenta um traço ou um “marcador genérico” (Miranda 2010) relevante para a identificação desse gênero. Em concreto, verificamos a presença dominante do *relato interativo* – o que se compreende pelo caráter de depoimento pessoal que domina no texto –, alternando com passagens de *discurso interativo* (nas perguntas e em certos enunciados ancorados no presente da enunciação e envolvendo os interlocutores)<sup>13</sup> –, sendo que este último traço é mais próximo das interações próprias das entrevistas.

Alguns exemplos de *relato interativo* são o emprego de dêiticos pessoais referidos à primeira pessoa (o enunciador, eu) e o uso dos verbos no pretérito perfeito e imperfeito, como no seguinte caso:

(...) uma vez eu cheguei até a arrumar minha mala e ia saindo de noite ... pra vir embora...

**ENTREVISTADOR:** ia fugir

**PELÉ:** eu ia fugir da concentração...eu e o Sabuzinho...um rapaz que comprava as comidas...saladas...esse negócio tudo era parte dele...só:: arroz...feijão que era Dona Maria que fazia...e: as vezes eu ia com ela...

(...)

**ENTREVISTADOR:** você assistiu na televisão um garoto respondendo sobre a sua vida?

**PELÉ:** assisti... eu até::...eu fiquei emocionado... e:: vi a:: a entrevista...eu fiquei emocionado memo porque:: eu estava numa torcida danada que ele não errasse...(nã:o)...mas ele...ele acertou::...eu até: procurei saber ON:de que ele tinha as informações...

<sup>13</sup> As categorias de “discurso interativo” e “relato interativo” correspondem à caracterização de tipos discursivos definida no quadro do Interacionismo Sociodiscursivo (ver, por exemplo, Bronckart 1997, cap. 5).



Por outro lado, podemos ver no seguinte trecho um exemplo de *discurso interativo*, com emprego de formas com valor dêitico pessoal em referência aos interlocutores (você / eu) e uso de verbos no presente da enunciação:

**ENTREVISTADOR:** você tem consciência de que já fez na sua carreira muitos gols sem querer?

**PELÉ:** não... gol sem querer eu não...num me lembro de ter feito nenhum...

Como vemos, a presença dominante dos discursos contextualmente implicados (e ancorados no presente da enunciação) justifica, ainda mais, a necessidade de realizar uma análise socio-histórica e situacional. Esses discursos são próprios dos gêneros entrevista e depoimento pessoal.

Contudo, nos segmentos do texto que não pertencem à entrevista de 1967, observamos a ocorrência dos outros tipos discursivos, a saber: *narração* e *discurso teórico*. Por exemplo, vemos a ocorrência de *narração* no segmento que apresenta o gol 1000 (de 0'00'' a 0'46'' da segunda parte) que aqui transcrevemos:

Mais uma proeza haveria de marcar a carreira inigualável do admirável futebolista. Era preciso chegar aos mil gols. O mundo inteiro começou a falar disso. O milésimo gol de Pelé era assunto focalizado com evidência no rádio e nos jornais de todo o globo. As pedras, aparentemente irremovíveis, colocadas no seu caminho pelos adversários dificultaram de tal forma a marcação desse gol que quando ele aconteceu contra o Vasco Da Gama no Maracanã, o sabor e a emoção foram muito maiores do que se ele o tivesse feito facilmente.

Identificamos a ocorrência da *narração* pela presença dominante de verbos no pretérito (perfeito e imperfeito), com sujeitos dos enunciados na terceira pessoa gramatical. Esse mesmo tipo de construção discursiva se verifica no segmento em que se apresenta o “apelo às crianças pobres, os velhos e os desamparados” (de 3'33'' a 3'55''), vejamos:

Mesmo durante o seu supremo momento de glória, ao consagrar-se como um dos maiores atletas do mundo, Pelé lembrou-se de chamar a atenção do povo para as crianças pobres, os velhos e os desamparados, e este foi o seu apelo [...]

É importante comentar que esse segmento denominado no próprio texto (e também no disco e na imprensa da época) “apelo” corresponde a uma declaração que Pelé fez depois do jogo em que realizou o gol número 1000. Com efeito, segundo noticiava o Jornal dos Sports no dia seguinte de marcar o milésimo gol, Pelé dedicava esse gol às crianças: “Disse Pelé que o seu gol mil êle oferecia às crianças de todo o Brasil, através de sua filha Kelly Cristina” (Jornal dos Sports, 20-11-1969, p.6). Aliás, na capa do mesmo jornal, vemos uma citação desse apelo, como se vê na Fig. 4: “Pelo amor de Deus, ajudem as criancinhas e os pobres dêste país”.

Figura 4 – Segmento superior da capa do Jornal dos Sports de 20/11/1969



Fonte: Jornal dos Sports, 20/11/1969, p.1.

Como é evidente, o segmento que reproduz o “apelo” não faz parte da entrevista memorialística de 1967, nem dos relatos dos gols, nem dos elementos que foram acrescentados pelo locutor para construir o texto (completo) que estamos analisando. Nesse caso, se trata da citação textual – isto é, da reprodução – de uma declaração (ou parte de uma entrevista) que foi gravada logo depois do jogo contra o Vasco da Gama no Maracanã do dia 19 de novembro de 1969. Aliás, segundo o mesmo Jornal dos Sports do dia 20, no vestiário lotado de pessoas (jornalistas nacionais e estrangeiros de todo o mundo, intérpretes, etc.), Pelé deu entrevistas até mesmo enquanto tomava banho. Segundo a crônica do Jornal dos Sports:

Pelé deu entrevistas ininterruptas durante quase uma hora, sempre para se dizer feliz em ter recebido o aplauso da torcida e para pedir a todos que ajudem os necessitados e as crianças.

- Foi no que mais pensei – dizia Pelé –, quando fiz o milésimo gol. Pensei nos pobres, nas crianças, nos doentes. Peço a todos que ajudem os que precisam, para que o Natal seja uma festa de felicidade. (Jornal dos Sports, 20-11-1969, p.6)

Em suma, o texto em análise não se pode considerar apenas uma “entrevista”, já que a entrevista (memorialística) de 1967 ou a entrevista que dá origem à declaração com o apelo de Pelé no vestiário são componentes de um texto maior que contém esses enunciados produzidos com anterioridade.

## 5. Síntese e considerações finais: sobre as noções de texto, contexto e gênero textual a partir do caso em análise

Neste artigo mostramos um caminho de análise de um texto que não corresponde a um olhar “idealizado” da abordagem descendente. A idealização desse percurso de análise descendente pode levar a pressupor que as pessoas que analisam um texto têm à disposição toda a informação sobre o contexto socio-histórico e o contexto situacional do texto antes mesmo de iniciar qualquer análise. Com este caso, exemplificamos que é necessário conhecer aspectos importantes do contexto (incluindo aspectos socio-históricos e situacionais) para poder compreender a configuração mesma do texto e seu funcionamento como objeto complexo. Mas esses aspectos podem não estar disponíveis – como costuma acontecer – no primeiro momento da análise. Assim, desenvolver uma abordagem descendente implica que para avançar sobre a análise (compreensão / descrição / explicação) do texto, é necessário fazer intervir em todo momento os dados do contexto de produção/circulação desse objeto.

O texto oral objeto de análise foi produzido, sem dúvida, depois do dia 19 de novembro de 1969 (dia do milésimo gol de Pelé), e tem data de início de circulação concretamente no dia 30 de novembro de 1969. O plano do texto – observando a gravação disponível em duas seções no MIS-SP – apresenta uma conformação em duas partes, que contêm uma organização de segmentos de enunciados anteriores articulados com segmentos em que ocorre a voz de um locutor/apresentador. Os enunciados anteriores – sendo enunciados que podemos considerar citações – são os seguintes: um recorte de uns 20 minutos da entrevista memorialística gravada no MIS-RJ em 1967 (que originalmente durou quase cinco horas), relatos de gols de diferentes jogos do período 1956-1969, relato do gol 1000 de 19 de novembro de 1969 e um segmento de declaração de Pelé com um “apelo” após o jogo em que fez o milésimo gol.

Nesse sentido, importa mencionar que cada segmento que compõe o texto deve ser compreendido na sua própria temporalidade. Em concreto, a entrevista de 1967 – depois introduzida no texto de 1969 – não deve ser interpretada como um texto de 1969. Já o texto oral de 1969 – que contém um fragmento da entrevista – deve ser compreendido como um texto da sua época. Isso significa, também, levar em consideração o suporte de circulação do texto nessa época, que não foi – como é óbvio – um site da internet, mas sim um disco LP. Para que destinatário foi pensado esse texto? Quem “consumia” esse tipo de objeto semiótico? De que maneira circulou efetivamente o texto na sua época? Essas são algumas das muitas questões que poderiam ser colocadas sobre este texto.

Por outra parte, para que esse texto foi produzido? Como vimos, há umas finalidades explícitas do texto, que são mencionadas no próprio conteúdo e, também, na contracapa do disco LP: criar um documento de depoimento para a posteridade e, também, homenagear Pelé por ocasião do gol número 1000. No entanto, quais outras finalidades poderiam estar vinculadas à produção desse texto? Qual era a relevância e o papel de Pelé na época? É preciso pensar seriamente na época e na sociedade que gera esse objeto semiótico.

“O Rei Pelé”, “o comendador”, “um dos maiores atletas do mundo”, “o talvez único brasileiro verdadeiramente conhecido e aclamado em qualquer parte do mundo”, “o maior jogador de futebol de todos os tempos” ... todos esses enunciados ditos no texto ou na contracapa do disco situam o personagem central do texto em um contexto histórico particular: por um lado, o Pelé de 1967 explica as razões da derrota na copa de 1966; e, por outro, o Pelé de 1969 salienta a façanha do gol 1000 e prepara a esperança para a copa do ano seguinte.

Em 1969, em um contexto de governo *de facto* mais repressivo que em 1967, predomina uma cultura de exaltação do nacionalismo, do Brasil em crescimento, da ideia de o Brasil ser o “maior país do mundo”. Aliás, os dois anos de diferença entre a entrevista (1967) e o texto publicado no disco LP (1969) apresentam, também, como vimos, diferenças significativas. Os textos não são alheios ao seu tempo e este é um bom exemplo desse vínculo indissociável entre os objetos semióticos e seus ambientes de produção/circulação original.

Finalmente, a problemática da identificação do gênero textual também não deve ser alheada dos parâmetros sociais e históricos. Se hoje não conseguimos dar um nome específico ao gênero em que esse texto se inscreve, talvez seja, justamente, porque os gêneros mudam com o tempo e com as sociedades. Hoje não produzimos discos LPs com “depoimentos para a posteridade”. A nosso ver, este texto (e outros do mesmo gênero daquela época) podem ser excelentes amostras de que os gêneros são construções situadas em tempo e espaço, e não formatos a-históricos, válidos para quaisquer circunstâncias.

## Referências

ADAM, J-M. **Plano de texto**. In: Charaudeau, P.; Maingueneau, D. Dicionário da Análise do Discurso. São Paulo: Contexto, 2004.

BELL, J. **Cómo hacer tu primer trabajo de investigación**. Barcelona: Gedisa, 2002.

BERNÁRDEZ, E. **Teoría y epistemología del texto**. Madrid: Cátedra, 1995.

BRONCKART, J.-P. **Activité langagière, textes et discours. Pour un interactionisme socio-discursif**. Lausanne: Delachaux et Niestlé, 1997.

BRONCKART, J.-P. **Genres de textes, types de discours et « degrés » de langue. Hommage à François Rastier**. Texto! vol. XIII, 1. Disponível em: [http://www.revue-texto.net/docannexe/file/86/bronckart\\_rastier.pdf](http://www.revue-texto.net/docannexe/file/86/bronckart_rastier.pdf), 2008.

BRONCKART, J.-P. **Les genres de textes et leur contribution au développement psychologique**. Langages. S.L., v.153, p. 98-108, 2004.

FAUSTO, B. **História do Brasil**. São Paulo: EDUSP, 1999.

GENETTE, G. **Palimpsestes**. Paris: Seuil, 1982.

MACHADO, A.R. **A perspectiva interacionista sociodiscursiva de Bronckart**. In: MEURER J. ;s BONINI, A. ; MOTTA-ROTH, D. (orgs.). Gêneros: teorias, métodos, debates. São Paulo: Parábola Editorial, 2005. p. 237-259.

MIRANDA, F. **Los géneros: una perspectiva interaccionista**. In: SHIRO, M.; CHARAUDEAU, P.; GRANATO, L. (eds.). Los géneros discursivos desde múltiples perspectivas: teorías y análisis. Madrid/Frankfurt: Iberoamericana / Vervuert, p. 69-86, 2012.

MIRANDA, F. **Textos e gêneros em diálogo. Uma abordagem linguística da intertextualização**. Lisboa: FCG/FCT, 2010.

MORIN, E. **Ciência com consciência**. Rio de Janeiro: Bertrand, 2002.

SCHNEUWLY, B. **Genres et types de discours: considérations psychologiques et ontogénétiques** In: REUTER, Y. (org.). Les interactions lecture-écriture. Berne: Peter Lang, 1998. p. 155-173.

TOSH, J. **A busca da história. Objetivos, métodos e as tendências no estudo da história moderna**. Petrópolis: Ed. Vozes, 2011.

VOLOSHINOV, V. N. **El marxismo y la filosofía del lenguaje**. Buenos Aires: Godot, [1929] 2009.